

Criatividade e desempenho escolar: uma síntese necessária

Creativity and achievements in school: a necessary synthesis

*Solange Muglia Wechsler **

Resumo

Tradicionalmente, nas escolas brasileiras confunde-se o rendimento escolar com notas obtidas nas disciplinas, que refletem, muito mais o papel da memória do que do verdadeiro sentido de aprender. A motivação intrínseca, relacionada diretamente à criatividade, ao gosto da descoberta, é relegada, tornando a escola enfadonha e sem sentido. Entretanto, é possível trazer a criatividade para a sala de aula, desde a pré-escola até ao ensino universitário. Pesquisas desenvolvidas no Brasil com as mais diferentes faixas etárias comprovam o poder da criatividade no desenvolvimento da motivação para aprender, como relatado neste trabalho.

Palavras-chave: Criatividade. Aprendizagem. Motivação.

Abstract

In Brazilian schools there is a tendency to equate school achievement with grades obtained in different subjects, which reflect more memory aspects than the real learning process. Intrinsic motivation, directly related to creativity and the pleasure of discovering new things, is thus devalued, making schools tiring and without meaning. However, it is possible to bring creativity into the classrooms, from pre-schools to the university level. Our research carried out in Brazil, ranging different age levels, indicated the power of creativity to develop a learning motivation, such as is reported in this paper.

Keywords: Creativity. Learning. Motivation.

* Doutora. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E-mail: wechsler@lexxa.com.br

O que é desempenho escolar?

Ao nos referirmos ao termo “desempenho escolar” surge, subitamente, para a maioria dos professores, a associação com o conceito de rendimento avaliado por notas. Esta tem sido a maneira mais usual de se compreender e avaliar a aprendizagem: as notas escolares. Entretanto, poucas vezes essas notas refletem algo mais do que um exercício de memória, considerando que o tipo de ensino encontrado nas nossas escolas valoriza a repetição e o pensamento convergente, que é aquele no qual se espera uma única resposta certa, geralmente a que está no livro ou na cabeça do professor.

A aprendizagem sem significado é um fator decisivo na falta de motivação dos estudantes, e pode ser bem exemplificada pela fala de *Charlie Brown*, personagem de histórias em quadrinhos infantis, ao explicar para o seu amiguinho sobre a importância das notas escolares (ALVES, 1992):

“Sabe por que temos que tirar boas notas na escola? Para passarmos do primário ao ginásio. Se tivermos boas notas no ginásio, passamos para o colégio, se no colégio tirarmos boas notas passamos na universidade, e, se nesta tirarmos boas notas conseguimos um bom emprego, e podemos nos casar e ter filhos para mandá-los à escola, onde eles vão estudar um monte de coisas para tirar boas notas e...(p.2)

Vimos, no humor contido nestas frases, uma triste realidade: uma escola que só serve para tirar boas notas e não traz nada mais relevante para a vida. Sem dúvida, o modelo adotado é o da punição ou recompensa, no qual a aprendizagem é motivada pelo medo, por algo externo ameaçador que pode atribuir prêmios ou punições, que decididamente não atende aos interesses individuais nem desenvolve a motivação para aprender.

Encontramos, dentre os professores, uma queixa geral de que os alunos não estão motivados e que não sabem mais o que fazer. Pode-se identificar nesse tipo de fala o desconhecimento dos princípios básicos da motivação, que poderiam ser simplificados pelos conceitos de motivação extrínseca e intrínseca, amplamente discutidos na literatura sobre aprendizagem e criatividade (BORUCHOVITCH e BZNUCECK, 2001, AMABILE, 1983). Na motivação extrínseca, o comportamento é controlado por fatores ou influências externas, e a vontade de alcançar algo se deve somente ao desejo de ser reconhecido ou amado, obter vantagens ou recompensas, ter sucesso na avaliação de outrem. Por outro lado, na motivação intrínseca, o indivíduo encontra satisfação e estímulo em fontes internas, e o seu desejo de alcançar algo se deve ao prazer de

descobrir algo importante de acordo com os seus valores, sem se preocupar com a opinião alheia.

Sem dúvida, a motivação interna está diretamente relacionada à criatividade. É ela que gera o sentimento descrito como “fluir” por Csikszentmihalyi (1998), que pode ser explicado como sentir-se encantado pelo trabalho, ter prazer pela descoberta, inventar pelo gosto de fazê-lo, desfrutar mais o processo envolvido na tarefa do que o seu produto final. O estado de fluir tem sido demonstrado como sendo a característica principal que distingue as pessoas criativas das não criativas.

Ao pensarmos em uma verdadeira aprendizagem, em que predomina o gosto por saber, o interesse e a curiosidade pela descoberta, a atenção e alegria por novas informações, estamos nos referindo certamente à aprendizagem criativa, na qual o estado de fluir predomina na sala de aula. Infelizmente, nossa observação nos indica que a aprendizagem se torna cada vez mais triste, pesada e cheia de regras, à medida que as crianças saem da pré-escola e entram nas salas de aula de ensino regular.

A questão a ser colocada refere-se ao como trazer a criatividade para a sala de aula, frente a um ensino que se tornou tão formalizado, tradicional, apoiado no modelo de motivação extrínseca e de avaliação por notas escolares. É possível reverter esta situação? Como tornar o processo de aprender em algo significativo, prazeroso, criativo e com possibilidades de generalização para outras áreas da vida?

A nossa experiência com os mais diversos tipos e faixas etárias de alunado e professores confirma a possibilidade de se desenvolver a criatividade na sala de aula. Além disto, relata o elo indiscutível entre o estímulo ao pensamento criativo, a motivação e a participação nas salas de aula, permitindo assim o aparecimento do estado de fluir e o verdadeiro prazer por aprender. Relataremos, a seguir, algumas pesquisas desenvolvidas em formas de teses e dissertações sob nossa orientação, que vêm comprovar a eficácia da criatividade no desenvolvimento do gosto de aprender e da alegria pelo processo de descoberta, demonstrando assim o verdadeiro significado de realização ou desempenho escolar e o sentido da escola para a vida.

Trazendo a criatividade para a escola

O conceito de criatividade que temos trabalhando envolve a interação de vários elementos: processos cognitivos, características de personalidade, estilos de pensar e aprender, assim como componentes ambientais, entendendo-se neste sentido a influência da família, da escola e da sociedade (WECHSLER, 1999).

Portanto, ao falarmos de desenvolvimento da criatividade, estamos enfocando essas diversas variáveis que se relacionam e influenciam a expressão de cada pensamento, comportamento ou expressão criativa.

A conceituação ampla e interacionista da criatividade implica, sem dúvida, o entendimento das suas múltiplas formas de expressão. Assim sendo, compreendemos a criatividade como podendo ser demonstrada em qualquer área, e não somente pelos meios artísticos, como infelizmente é confundida por muitos professores. Do mesmo modo, aceitamos a afirmação de Torrance (1995) de que todos nós temos potencial criativo, nos mais variados graus, bastando apenas desenvolvê-lo.

Estas premissas sobre a criatividade nos têm levado a buscar as mais diferentes formas para desenvolvê-la, em estudantes do ensino fundamental até a universidade. Da mesma forma, verificamos que é essencial um trabalho junto aos professores, sem os quais perdem-se os esforços de programas dedicados exclusivamente aos alunos, pois estes são perdidos frente às barreiras com as quais se deparam nas salas de aula quando querem expressar pensamentos e/ou comportamentos criativos. Exemplificaremos, a partir de pesquisas realizadas na nossa pós-graduação, o porquê de tais afirmações.

Já no ensino fundamental, encontramos diversos bloqueios que impedem a expressão da criatividade de forma oral ou escrita. A pesquisa realizada por Bighetti (1995) visou investigar o efeito do contar histórias como modo de estimular a criatividade verbal em crianças da terceira série do ensino fundamental. Infelizmente, o contar histórias, muitas vezes, ocorre somente nas pré-escolas, tornando o ensino fundamental cada vez mais tedioso. O método utilizado no estudo envolveu o “Modelo de Incubação para o ensino”, desenvolvido por Torrance e Safter (1990) e relatado por Wechsler (1998), no qual existem atividades específicas para estimular a curiosidade dos participantes a serem desenvolvidas antes, durante e após a leitura. Desta maneira, o grupo experimental escutou e participou de histórias seguindo o modelo de incubação, enquanto o grupo controle recebeu histórias de maneira tradicional, com leituras diretas do texto, sem quaisquer indagações sobre o mesmo. A avaliação das redações livres e dos resultados nos testes de criatividade verbal de Torrance (1990) indicou ganhos significativos em flexibilidade ou versatilidade de idéias expressas pelas crianças do grupo experimental. Desta forma, pode-se perceber que o recurso de contar histórias nas classes do ensino fundamental pode ser um meio eficaz para desenvolver a criatividade na leitura e escrita, tornando-se, entretanto, necessário que o professor estimule o aluno a questionar o que escuta, a propor idéias sobre o tema, imaginando o que poderia acontecer, indo além da simples informação.

No Ensino Médio, os educadores tendem a deparar-se com maiores dificuldades do que no nível anterior, considerando que os alunos já atingiram outros estágios de desenvolvimento. É essencial que os professores encontrem estratégias criativas para motivar os adolescentes a participarem e produzirem nas salas de aula, considerando as especificidades afetivas e cognitivas dessa faixa etária. Uma proposta bastante interessante neste sentido foi desenvolvida por Bragotto (1994), que procurou desenvolver o pensamento e a expressão verbal criativa nessa faixa etária por meio da poesia. O programa oferecido para o grupo experimental envolveu poesias escritas, narradas, cantadas e dramatizadas, basicamente estimulando-se a expressão em forma de analogias e metáforas. Os textos produzidos com esse grupo eram posteriormente trabalhados nas aulas com a professora de Português. Os resultados quantitativos e qualitativos do grupo experimental apontaram ganhos para quase todas as características criativas verbais estudadas e uma mudança de atitude geral frente à Língua Portuguesa como apoio inquestionável para a expressão do poeta.

Um tema de extrema importância mas pouco considerado entre os professores refere-se aos estilos de pensar e aprender dos estudantes, que implica, fundamentalmente, a utilização de estratégias variadas de ensino que possam atender aos diferentes estilos existentes em uma sala de aula. Sabemos que os alunos criativos possuem estilos de pensar e agir diferenciados dos seus colegas, porém não reconhecidos por seus professores nas salas de aulas. Desta maneira, estudantes criativos são penalizados no sistema tradicional de ensino, que valoriza, prioritariamente, o pensamento convergente, ou seja, o pensamento que busca uma única resposta certa. O estudo de Siqueira (2001) foi feito para investigar os estilos de alunos criativos, sendo utilizado como instrumento básico a escala de estilos de pensar e criar, elaborada e validada por nossa equipe (WECHSLER, 1999), além das médias das notas semestrais em diferentes disciplinas. Seus resultados confirmaram a hipótese de que alunos criativos possuem estilos diferenciados, e que meninas criativas se adaptavam mais facilmente do que os meninos em sala de aula, por apresentarem maior sensibilidade interna e externa como estilo criativo. Possivelmente, essa diferença de gênero favorece as meninas no sentido de um melhor rendimento acadêmico, considerando a preferência dos professores pelos alunos mais quietinhos, educados e bem comportados. Por outro lado, tais resultados apresentam as implicações do modelo de aluno ideal que professores possuem e como este se afasta da realidade, muitas vezes, quando se trata de alunos com estilos mais criativos.

Existe uma grande discussão sobre a inclusão de alunos portadores de deficiências no ensino regular, e os professores alegam dificuldades para lidar com os mesmos. Várias questões podem ser debatidas, relacionadas ao modo de aprender desses alunos, tais como: quais são os efeitos das deficiências físicas sobre a criatividade? pode o ensino ser criativo quando for voltado para alunos portadores de dificuldades neurológicas? A procura pela relação entre estas variáveis gerou a tese de Monteiro (1995), direcionada especificamente para o estudo de alunos epiléticos. A comparação entre alunos regulares e portadores de epilepsia (com controle medicamentoso) foi feita utilizando-se o teste do pensamento figurativo de Torrance (1990), além de escalas elaboradas durante o estudo para avaliar características comportamentais e da aprendizagem dos alunos. Interessantemente, as conclusões apontaram no sentido de não existirem diferenças significativas entre os grupos de alunos epiléticos e regulares quanto ao nível de criatividade e aspectos relacionados com a aprendizagem. As únicas diferenças encontradas entre os dois grupos foram na área comportamental e emocional, quando a epilepsia era utilizada como forma de receber mais atenção ou consideração especial. Desta maneira, pode-se concluir que o ensino criativo pode e deve ser direcionado para todos os tipos de alunos, trazendo benefícios não só para o seu pensamento e produção acadêmica, como também podendo-lhes mostrar maneiras mais criativas de utilizar o seu conhecimento e as suas experiências, em prol da sociedade, especialmente quando são portadores de deficiências físicas.

Ao relacionar os grupos especiais, devemos também nos preocupar com a criatividade nos grupos minoritários ou desfavorecidos. No povo brasileiro, devido a sua própria história de colonização, encontramos os indivíduos de raça negra ainda em condições desfavoráveis em nível social, educacional e econômico, demonstrando assim a existência de preconceito racial, embora este não seja admitido claramente pela população, como observou Soligo (1996). Entretanto, é inegável a contribuição da raça negra para o folclore, música, religião, vestuário e culinária do povo brasileiro. A percepção da importância dessa contribuição entre educadores que trabalhavam com crianças negras em projetos governamentais, comunitários e alternativos gerou o estudo de Cunha (1999). O instrumento utilizado foi uma escala, elaborada pelo autor, que tratava da percepção do educador em relação à criatividade dos seus alunos negros e também da criatividade da raça negra em diferentes tipos de expressões culturais. As conclusões obtidas demonstraram a importância do educador no fortalecimento da auto-estima dos alunos negros e do seu papel para o desenvolvimento pessoal e social de pessoas de sua mesma raça. Educadores

mais politizados, ou seja, aqueles que fazem parte de projetos alternativos e governamentais demonstraram também valorizar mais seus alunos do que outros professores não envolvidos na discussão das questões de integração racial. Portanto, pode-se observar o papel político e social que a valorização da criatividade pode trazer para o indivíduo, dentro de seu país e segmento racial.

Na verdade, o grande desafio para uma escola mais criativa é despertar professores para as suas dificuldades nas formas de ensinar, quer seja para alunos regulares, portadores de deficiências ou ainda pertencentes a diferentes segmentos raciais. Na maioria das vezes, os docentes não reconhecem ou não querem ver a inadequação de suas estratégias de ensino e possuem uma percepção distorcida quanto a sua própria docência. Esta foi a constatação da pesquisa de Silva (2000), ao comparar as opiniões de alunos e professores do ensino médio sobre as características criativas dos professores e do tipo de aulas ministradas. O instrumento principal foi uma escala de comportamentos, elaborada pela autora, na qual professores deveriam se autodescrever, tendo seus alunos que realizar uma avaliação sobre seus professores. Observando-se os resultados, percebeu-se que, enquanto os professores se autodescreviam como dinâmicos e motivadores, seus alunos os percebiam como monótonos, existindo um único consenso quando o humor era uma característica presente no professor. Portanto, existe uma distorção entre o que o professor pensa idealmente sobre si mesmo e como ele é realmente percebido. Além de tudo, o humor apareceu como bastante valorizado pelos alunos, indicando a importância de trazer alegria para as salas de aula, ao contrário do silêncio total exigido nas salas pela maioria dos professores.

A formação de professores, suas expectativas e valores, devem ser mais estudadas, no sentido de serem identificadas as suas necessidades e percepções quanto ao seu papel na nossa realidade social e educacional. Esse tema direcionou o estudo de Oliveira (1997), realizado com estudantes de Pedagogia e professores do ensino fundamental e médio. O instrumento utilizado foi um questionário, no qual era solicitado que fossem listadas, por meio de adjetivos, as características mais importantes de um professor ideal e as existentes no professor real. Dentre os três adjetivos mais frequentemente utilizados para o professor ideal, em ordem decrescente, apareceram: criativo, atualizado e amigo, e para a descrição do professor real apareceram os adjetivos: cansado, desvalorizado e mal-remunerado. Tais dados refletem, de uma maneira bastante clara, o idealismo com que os estudantes iniciam a sua carreira como professores e como se autodescrevem, de maneira oposta, aos seus colegas que exercem há vários anos esta profissão. Cabe, portanto, repensar as formas de ajudar o professor a

mudar essa atitude tão pessimista, reafirmando o seu papel essencial no desenvolvimento criativo e integral dos seus estudantes, embora a nossa realidade social e econômica ainda não consiga valorizar o seu trabalho de forma merecida.

É possível ajudar o professor a se tornar mais criativo? Quais devem ser as ações a serem realizadas neste sentido? Essas perguntas foram alvo da pesquisa de Pereira (1998), ao propor que deveria ser realizado um trabalho com professores já nos seus estágios de formação, atualmente no curso de Pedagogia. Indagando a opinião de alunos de Pedagogia sobre as áreas mais necessitadas de aprofundamento para a sua formação como professor, em uma escala elaborada pela autora, observou-se que a área mais apontada para estudo era a da Criatividade na Educação, seguida pela Pesquisa, e, posteriormente, pela Atitude Questionadora. Na verdade, essas três áreas poderiam ser englobadas dentro de um mesmo tema nos cursos de Pedagogia, considerando-se que a pesquisa e o questionar formam partes integrantes de um mesmo conteúdo, que é o ensino criativo e as suas aplicações no currículo acadêmico. Observamos, assim, a necessidade apontada de uma formação mais questionadora, na qual a criatividade teria um papel essencial, e, ao mesmo tempo, onde existiria o desenvolvimento de habilidades de pesquisa e espírito científico a fim de que os futuros professores pudessem oferecer um ensino mais atualizado, crítico e inovador.

Concluindo...

A criatividade pode estar presente em qualquer área do currículo e em todos os níveis educacionais, como relatamos nos estudos acima. Os efeitos positivos de um ensino mais criativo, observados nestas pesquisas brasileiras, vêm confirmar uma série de estudos internacionais sobre esse tema (TORRANCE, 1996), indicando assim a premente necessidade de ter a criatividade inserida como disciplina na formação de professores.

As dificuldades existentes para um ensino mais criativo partem, sem dúvida, não somente da falta de preparação dos professores, como também de barreiras internas que não lhes permitem ousar e buscar novas estratégias para ensinar. O ensino mais criativo requer mudança de atitudes, experimentar o desconhecido, tópicos que muitos têm medo de enfrentar ou mesmo comodismo para buscar algo diferente do que sempre fizeram.

As conseqüências de uma educação mais criativa poderiam ser sentidas, em médio prazo, na própria melhoria das condições de vida da nossa sociedade, na medida em que os futuros cidadãos receberiam apoio para idéias inovadoras a partir de suas salas de aula.

Concluimos, assim, que é possível desenvolver a criatividade na escola, basta querer agir nesse sentido. Uma educação mais criativa poderia trazer o verdadeiro significado da aprendizagem, estimulando o estado de *fluir* criativo e o prazer pela descoberta, que são, realmente, os requisitos essenciais para a compreensão do conceito de desempenho escolar.

Referências

- AMABILE, T. *The social psychology of creativity*. New York: Springer-Verlag, 1983.
- ALVES, R. A lei de Charlie Brown. *Correio Popular*, 21 jan. 1992.
- BIGHETTI, C. A. *Efeitos do programa para o desenvolvimento da criatividade verbal através do contar histórias*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1995.
- BRAGOTTO, D. *Programa experimental para o desenvolvimento da poética em adolescentes*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1994.
- BUROCHOVITCH, E. e BZNUNECK, J. A. *A motivação do aluno*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. *Creatividad: el *fluir* y la psicología del descubrimiento y la invención*. Barcelona: Paidós, 1998.
- CUNHA, M. A. *Expressões criativas na cultura afro-brasileira: percepção de educadores*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1999.
- MONTEIRO, S. R. G. *Epilepsia e criatividade: um estudo com crianças de escolas públicas*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1995.
- OLIVEIRA, E. T. A. *Variáveis que afetam a aprendizagem: percepção de alunos de licenciatura e professores*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1997.
- PEREIRA, R. P. F. *Pesquisar, questionar e criar: percepção de alunos de Pedagogia*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1998.
- SILVA, P. A. *Criatividade do professor no ensino médio*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2000.
- SIQUEIRA, L. G. G. *Estilos de criar e desempenho escolar: análise da influência do sexo e escolaridade*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2001.
- SOLIGO, A. F. *Crianças negras e professoras brancas: um diagnóstico de atitudes*. Tese de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1996.
- TORRANCE, E. P. *Torrance tests of creative thinking. Streamlined and revised manual*. Bensenville, Il: Scholastic Testing Service, 1990.
- TORRANCE, E. P. e SAFTER, H. T. *The incubation model of teaching*. New York: Buffalo Bearly, 1990.

TORRANCE, E. P. *Why fly? A philosophy of creativity*. New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1995.

TORRANCE, E. P. *Cumulative bibliography on the Torrance Tests of Creative Thinking*. Athens: Georgia studies of creative behavior, 1996.

WECHSLER, S. *Criatividade: descobrindo e encorajando*. 2. ed. Campinas: Editora Psy, 1998.

WECHSLER, S. M. Avaliação da criatividade: um enfoque multidimensional. Em S. M. Wechsler e R. S. Guzzo (Org.). *Avaliação psicológica: uma perspectiva internacional*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

Recebido: 12.09.2002

Aceito: 05.10.2002